

# COMPETÊNCIA DISCURSIVA: PODER E SABER DIZER NO DISCURSO POLÍTICO SINDICAL

Nelson Barros da Costa\*

Desde a metade deste século percebe-se uma confluência de pensamentos, tanto de dentro como de fora da lingüística estrutural inclusive a gerativa, no sentido de romper com as dicotomias estanques língua-fala, competência-desempenho, enunciado-enunciação, etc, ao mesmo tempo em que se sente cada vez mais a necessidade de se voltar a refletir sobre a relação entre os fatores contextuais e a linguagem.

É assim que, na década de 60, o filósofo francês Michel Pêcheux propõe formalmente a criação da Análise do Discurso (doravante AD) como ciência interdisciplinar da linguagem cujo papel seria analisar o discurso à luz das condições sócio-históricas de produção. Lançando mão do materialismo histórico, Pêcheux entende a linguagem como fenômeno essencialmente (não apenas acidentalmente) ideológico, social e histórico. Compreendendo o ser humano como em relação dialética com o seu contexto, ao mesmo tempo produto e agente transformador do meio em que vive, Pêcheux afirma que o homem ao se organizar com os outros homens constitui formações socio-econômicas e formações ideológicas para justificá-las ou questioná-las. As formações sociais consistem em formas de organizações sócio-econômicas que constroem os indivíduos a ocuparem papéis produtivos determinados e as formações ideológicas seriam sistemas de idéias, crenças, convenções, rituais, comportamentos, etc., que de um certo modo refletiriam a configuração das formações sociais correspondentes. Em formações sociais que se caracterizam pela divisão em classes, as formações ideológicas são conflituosas e atravessadas pelas contradições inerentes às relações entre os indivíduos. Cada indivíduo contribui portanto para a manutenção ou transformação da formação sócio-ideológica na qual está inserido, através de suas práticas quotidianas.

Ora, a questão que Pêcheux coloca é que a linguagem é um dos tipos de práticas ideológicas, com certeza a principal. As práticas lingüísticas dos indivíduos se confor-

mariam então nas chamadas **formações discursivas**, que seriam um dos aspectos da formação ideológica. Assim, uma formação discursiva seria conjunto de constrangimentos que determinam o que pode e deve ser dito em determinados contextos sociais e históricos. Haveria assim formações discursivas no contexto jurídico, acadêmico, escolar, político, etc.

Então, o objetivo da Análise do Discurso seria, dentre outros, investigar as marcas lingüísticas do discurso que refletiriam o comportamento do falante em uma determinada formação discursiva.

Mas a AD não visa investigar o conteúdo do discurso. Ela se propõe ser uma disciplina lingüística. O que importa são as estratégias lingüísticas usadas pelos falantes com o objetivo de cumprir ou subverter as determinações da formação discursiva em que eles inserem seu discurso. Trata-se de estudar portanto a relação entre o sujeito lingüístico e a FD.

Sob esta perspectiva, é possível repensar a categoria chomskyana de **competência** adjetivando-a **discursiva**, tal como está no título deste trabalho. Chomsky propõe que a espécie humana é dotada de uma capacidade natural de produzir enunciados novos a partir de uma quantidade limitada de formas e regras. Essa capacidade é denominada por ele de **competência** e consistiria na verdade de um sistema de regras capaz de gerar em primeiro lugar as estruturas abstratas de todas as orações aceitáveis em uma língua e também de transformar tais estruturas em estruturas superficiais. Esse sistema incluiria ainda um processo de atribuição de uma interpretação semântica e de uma representação fonética às estruturas superficiais.

Chomsky opõe a competência estabelecida nesses termos à **performance** ou desempenho. Esta seria a atualização da competência por cada falante, ou ainda, a aplicação que cada falante faz de seu conhecimento da língua. Assim, à lingüística caberia não simplesmente a descrição das línguas naturais, dos sistemas de regras e formas consagra-

\* Mestre em Educação e Professor de Lingüística na Universidade Federal do Ceará.



dos socialmente, mas a reconstrução e a explicação do processo mental inerente a todos os sujeitos falantes que os torna capazes de, a partir de uma experiência linguística limitada, compreender e produzir uma quantidade ilimitada de frases novas.

Neste trabalho, porém, o termo competência tem o sentido de **poder dizer**. É fácil perceber que as situações discursivas muitas vezes são marcadas por um desequilíbrio do poder de tomar a palavra. Numa sala de aula, por exemplo, o professor detém mais poder de falar do que os alunos. Assim também acontece num programa de auditório de televisão, numa sessão de julgamento, numa manifestação política, etc. Esse poder não existe em si mesmo: ele é conferido institucionalmente e os demais participantes da situação interativa aceitam de mau ou de bom grado este poder. Por outro lado, também, para inserir-se na situação e usar o poder de modo eficiente, o falante deve ser competente, no sentido de compreender as regras da formação discursiva, saber o que dizer e o que não dizer, usar as estratégias discursivas adequadas. Pode, também, recusar-se a seguir as normas discursivas da formação e trabalhar diferentemente seu discurso, mas não poderá fugir muito a elas sob pena de ter seu direito à fala cassado no momento do evento discursivo ou em outras situações discursivas. Nosso trabalho consistiu em uma análise de 18 discursos políticos proferidos por líderes de organizações populares (sindicatos, associações, partidos políticos, etc.) em uma manifestação que comemorava a passagem do dia 1.º de Maio do ano de 1990. A análise procura demonstrar, dentre outras coisas, que o chamado discurso político de esquerda se apresenta, ao menos nas realizações observadas, como uma formação discursiva bastante fechada, monológica<sup>1</sup> e coercitiva, a ponto de exigir um verdadeiro *savoir dire* por parte dos militantes. Isto leva a tentativas fracassadas e inibe uma participação mais ampla dos trabalhadores no exercício da palavra pública. Desse modo, condicionados pelas circunstâncias históricas, os discursos tendem a se assimilar tanto nas estratégias de embreagem<sup>2</sup> dos actantes da enunciação (o falante, a entidade representada, o público ouvinte, os adversários ouvintes, os inimigos, etc.) e dos elementos do contex-

to (tempo e espaço da enunciação), quanto na execução de determinados atos perlocucionários e ilocucionários. Apesar dessa tendência geral, percebemos que ela não é absoluta e que alguns discursos mostram resistência e subversão a essa ordem discursiva.

Procuraremos mostrar em linhas gerais como se dá esse processo, através da análise de três tipos de discursos representativos respectivamente da tendência dominante (o discurso "competente"), do discurso fracassado ("incompetente") e do discurso discrepante.

## O discurso competente.

Dois vetores principais determinam as condições de produção dos discursos políticos sindicais e populares proferidos na manifestação de 1.º de maio de 1990. A primeira se inscreve na tradição discursiva que recomenda que, em eventos como este, se realize a **agitação**<sup>3</sup>. Isto significa que o orador não deve se deter em explicações teóricas detalhadas a respeito de determinada questão, nem procurar demonstrar determinada tese através de dados, exemplos ou outros argumentos. A contrário, deve ele utilizar um mínimo de informação, para, através de uma rápida análise em tom de denúncia, tentar atingir o lado emocional do público. O alvo do discurso do agitador deve ser não a razão, mas a emoção, e seu objetivo deve ser despertar a indignação e a revolta dos ouvintes.

Por outro lado, fatores conjunturais também influenciam fortemente a produção dos discursos em questão. A situação de perplexidade do movimento operário diante do apoio massivo da população ao governo do presidente Collor, a situação de fragmentação das correntes de esquerda e a luta entre elas pela hegemonia na condução da luta operária e o clima de apatia provocado pela recente derrota de Lula nas eleições presidenciais são alguns desses fatores.

Tais condições de produção determinam que os discursos assumam uma configuração geral que os torna bastante parecidos uns com os outros. A tal ponto que os discursos, embora com feições marcadamente performativas<sup>4</sup>, acabam

<sup>1</sup> Como salienta Mikhail Bakhtin (88, p. 98), rotular uma enunciação de "monológica" é, na realidade, uma abstração. Isto porque "toda enunciação monológica (...) constitui um elemento inalienável da comunicação verbal. Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é constituída como tal. Não passa de um elo na cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as". Levando em conta, no entanto, que o evento discursivo em questão apresenta atores coletivos nos pólos da interlocução, consideraremos monológica a enunciação que se circunscreve ao âmbito dos falantes, isto é, em que os falantes instituem a si mesmos como ouvintes de si mesmos, ou ainda, em que o falante se dirige não aos que foram previamente instituídos como ouvintes (sem direito à tomada da palavra), mas aos que compartilham com ele o direito de falar.

<sup>2</sup> De *embrayage* (tradução francesa da palavra inglesa *shift*). O conceito foi utilizado pela primeira vez por O. Jespersen em *Language, its Nature, Development and Origin* (1912), e retomado por R. Jakobson em 1957. Originalmente consiste na utilização de elementos do léxico para ancorar um enunciado na situação da enunciação (Perret, 1994). Neste trabalho recrio o conceito chamando de *embreagem* todo ato linguístico que consiste em explicitar em maior ou menor grau no discurso qualquer elemento (actante) da circunstância enunciativa. O contrário da *embreagem* será a *debreagem*, que consiste justamente na falta de explicitação dos actantes.

<sup>3</sup> A idéia de definir as tarefas retóricas dos revolucionários aparece pela primeira vez em Plekhanov, conforme Lenin (1986). Sobre a retórica revolucionária leninista, cf. Costa, 1991, pp. 37-44).

<sup>4</sup> Conforme Austin, qualidade referente ao ato linguístico cuja realização consiste numa ação, ao contrário de outros que consistiriam em uma afirmação acerca de um determinado estado de coisas (atos constatativos).



por perder de vista seu propósito comunicativo e interativo. Trata-se, então, para o orador, não mais de atuar sobre os ouvintes, mas de inserir consciente ou inconscientemente seu discurso na formação discursiva estabelecida.

Tais condições de produção, portanto, constroem os oradores no sentido a que eles desenvolvam, truncuem ou silenciem em seus discursos determinadas perlocuções<sup>5</sup>. Alguns obtêm sucesso nessas tarefas, outros não e outros fogem à regra. Dentre os atos perlocucionários realizados, destacaremos a **promoção**, a **indicação**, a **informação**, o ato de **impressionar** e a **persuasão** e verificaremos a interação entre eles.

## A Promoção<sup>6</sup>

O que se pode observar, em primeiro lugar, é que a introdução dominante nos discursos consiste na realização do ato da promoção da data. É bom lembrar que a significação da data de 1.º de maio é disputada na sociedade. Para a burguesia e os aparelhos ideológicos sob seu controle, o dia é do **trabalho**. Há intencionalmente um apagamento do sujeito que faz o trabalho não só através da objetivação do título, como também pela ocultação dos verdadeiros motivos pelos quais é comemorado o “Dia do Trabalho”. Comemorar o dia do trabalho do ponto de vista burguês significa homenagear uma função, isto é, significa ressaltar a importância de esta função ser regularmente cumprida, sem o que não seria possível o funcionamento do sistema. Ora, para o ponto de vista da classe explorada, o 1º de Maio representa a promoção do sujeito que realiza o trabalho, que é, afinal de contas, a própria classe. Para ela o dia é, então, do **trabalhador** e não do **trabalho**. Trata-se não apenas de uma autopromoção ou de uma questão simplesmente semântica, mas de uma tomada de consciência de que o trabalho não deve ser homenageado, já que, na sociedade de classes, ele se constitui no objeto responsável por sua exploração. Por isso, para a classe trabalhadora, o dia do trabalhador é o dia do sujeito que um dia se revoltou contra o trabalho opressor.

Portanto, como reflexo dessa disputa, a primeira medida que a maioria dos oradores toma é promover positivamente a data. No entanto, dois fatores contribuem para que

os locutores não se detenham nesta perlocução no que resulta o seu truncamento:

1) A urgência de se realizar o ato da indicação. O que se observa é que, em vários discursos, o ato da promoção da data está subsumido ao ato da **indicação**, que comentaremos mais adiante. No primeiro discurso pronunciado, por exemplo, enuncia-se, logo no início, o seguinte:

*Bom, companheiros, nessa data onde os trabalhadores novamente voltam à praça, onde daqui sairá um movimento amplo de denúncia do caráter recessivo, do caráter de entreguismo que é o Plano Collor de Melo...*

Percebe-se uma referência rápida à data a serviço da indicação de uma ação que deverá se dar a partir dela. A utilização do verbo “sairá” realiza uma modalização deontica<sup>7</sup> que indica a imperatividade de uma conduta que o locutor deseja que seja seguida.

Já no terceiro discurso, o locutor subordina a promoção a uma indicação de como se deve dar a própria ação discursiva daquele momento:

*Boa noite, companheiros, companheiros trabalhadores da construção civil e todos os setores da indústria do Estado do Ceará. Companheiros, hoje é o dia... o dia 1.º de maio, o dia que eu acho que a gente não deve... é... comemorar com festa e sim fazendo uma reflexão de tudo que é a vida do trabalhador no Brasil, hoje, de um modo geral.*

Neste recorte, a modalização deontica imperativa expressa pelo verbo “deve” é atenuada pela modalização epistêmica decidida “eu acho”. Mesmo assim, percebe-se que a data é promovida em função da indicação da forma como ela deve ser comemorada.

Noutros, a promoção vem pura em um trecho, mas logo seguida por uma indicação. É o caso do discurso 10, onde podemos ver enunciado:

*Companheiros trabalhadores, o nosso partido, o Partido da Libertação Proletária se soma hoje aos trabalhadores do mundo que constroem esse Primeiro de Maio, Primeiro de Maio esse, que traz a marca da luta da classe operária contra a exploração capitalista. E é importante, pelo momento*

<sup>5</sup> O filósofo inglês John Austin, a partir da idéia de Wittgenstein que propõe que a linguagem antes de ser representação do pensamento é sobretudo um instrumento de interação, distingue os diversos atos que podem ser realizados quando se fala: o ato locucionário, o ato ilocucionário e o ato perlocucionário. O primeiro diz respeito ao fato de que quando falamos agimos dizendo algo, isto é, proferindo cadeias de sons significantes, segundo regras fonéticas, gramaticais e semânticas; o segundo se refere ao fato de que, quando falamos, o que falamos constitui ele próprio um ato. É o caso das enunciações performativas do tipo “eu prometo...”, ato ilocucionário que se realiza em se dizendo; o terceiro, o ato perlocucionário, seria aquele que consiste no fato de que falar significa agir no sentido de fazer com que o ouvinte se modifique ou atue de determinada forma. Trata-se, pois, do ato produzido pelo fato de se dizer, isto é, como decorrência do ato de falar.

<sup>6</sup> Este conceito também foi recriado. Na antiga retórica grega a “promoção” era o ato argumentativo destinado a elevar o ouvinte ao papel de participante dos interesses do locutor (Osakabe, 79). Em nosso caso, a promoção não é apenas do ouvinte, mas também de fatos, do tempo, do espaço, de terceiros, etc., com fins de agir sobre o destinatário no sentido de compartilhar com ele de seu juízo de valor quanto ao objeto promovido.

<sup>7</sup> Tipo de modalização semântico-pragmática que se refere ao mundo das condutas normatizadas. Blanché (apud Koch, 87, p. 88) estabelece um hexágono lógico onde as modalizações deonticas se distribuem do obrigatório ao indiferente, passando pelo ordenado e pelo permitido. Há também as modalizações epistêmicas que se referem ao mundo das crenças, do conhecimento que temos sobre um estado de coisas. No hexágono de Blanché as modalidades epistêmicas vão do certo ao indeciso, passando pelo decidido e pelo plausível.



*político que nosso país atravessa, que nós trabalhadores, a gente tenha bem claro a necessidade da unidade dos trabalhadores sob as perspectivas de nós construirmos...*

Neste caso, o operador argumentativo “e” efetua uma ligação de implicação entre o ato da promoção da primeira frase e o ato de indicação da segunda. Este é marcado pelas expressões “é importante”, “tenha bem claro” e “necessidade”, modalidades epistêmicas que expressam necessidade, certeza e obrigatoriedade.

Dos dezoito proferidos, sete colocam a promoção a serviço da indicação; cinco não fazem qualquer menção à data; apenas três promovem plenamente a data e os três restantes a promovem com o fim de realizarem outros atos.

O ato da **embreagem temporal**, isto é, o ato de trazer a data para o discurso, se dá de forma coerente com o processo de subsunção da promoção da data à indicação. Observa-se que quando se fala no 1.º de maio, não se fala da data de maneira abstrata, mas daquele momento especial em que, por acaso, se dá o dia 1.º de maio. Tanto é que os falantes que realizam este ato cuidam imediatamente de relacionar o momento de luta de hoje com o momento de luta de ontem. Este pode ser o momento histórico que deu à data o seu significado comemorativo, mas pode ser também outros momentos marcados por outras lutas. O discurso 1, por exemplo, prossegue:

*...que novamente, como em outros momentos histórico da classe trabalhadora, os trabalhadores marcham até a praça para reunidos gritar um não e fazer um protesto contra a situação de repressão, a situação de miséria que novamente a burguesia nos coloca para que a classe trabalhadora pague a conta...*

Percebe-se que a embreagem temporal se faz para comparar o que se fez ontem com o que se deve fazer hoje. Dessa forma, o modo como se dá tal embreagem mostra que a promoção da data é um ato perlocucionário fraco, pois se dá a pretexto da indicação da ação, este um ato perlocucionário forte nas circunstâncias enunciativas.

2) A imagem que o falante faz a respeito do que pensa o ouvinte sobre o referente. É possível que, justamente em virtude da pequena quantidade de ouvintes<sup>8</sup>, o falante acredite não ser necessário nenhum esclarecimento a respeito da data, e sim uma breve referência a fim de justificar sua falação. De fato, algumas enunciações revelam que o ouvinte que o falante tem em mente quando produz seu discurso é aquele mais ligado ao movimento popular. Provavelmente os locutores presumem que num dia desfavorável como aquele, somente os indivíduos mais engajados estariam ali

para ouvi-los. Além do mais, o fato de estar havendo um apoio massivo da população ao governo e a grande apatia de que falamos, leva os oradores a dirigirem seus discursos especialmente aos militantes, já que a estes caberia a difícil missão de reverter o quadro. Passemos, então a analisar a questão da promoção do ouvinte.

As condições de produção mencionadas levam também o locutor a promover o ouvinte no sentido de tentar despertar a auto-estima e a combatividade dos militantes. Como dissemos, tudo leva a crer que os discursos se dirigem à militância, mais que aos trabalhadores em geral. Tratou-se então de fazer com que o ouvinte compartilhasse de um juízo positivo de si próprio. O discurso 9, por exemplo, mostra isto de forma bem clara:

*Companheiros e companheiras, a presença não só dos militantes aqui dos vários partidos, mas daqueles que integram os sindicatos combativos do Ceará, articulados através da Central Única dos Trabalhadores, é uma demonstração de que os trabalhadores do Ceará, os verdadeiros democratas, aqueles que lutam contra esse sistema de exploração e miséria, não se baixam diante da prepotência do Sr. Collor de Melo.*

Os qualificativos “combativos” e “verdadeiros democratas”, além das expressões “lutam contra” e “não se baixam diante da prepotência” imputam ao ouvinte uma imagem positiva que o locutor deseja que ele tenha de si próprio.

Já o discurso 1 exalta a coragem do ouvinte:

*Mas os trabalhadores estão aqui na praça, como a gente vê; os trabalhadores correndo o risco de perder seu emprego; o patronato ameaçando reduzir salário.*

É interessante o esforço que este locutor faz para convencer os ouvintes de que eles são em grande quantidade e ocupam plenamente a praça. A forma como ele finaliza seu discurso é um exemplo:

*É isso que nós estamos sentindo nessa praça lotada e temos que dizer não e ir até o fim com esse Plano, porque ele é suicida para a classe trabalhadora.*

Neste caso, a promoção do ouvinte se dá através do ato de fazê-lo crer que ele está presente em grande quantidade, e que, portanto, é participativo e consciente. Para isso, o falante se utiliza de sua posição de orador (quer dizer, autorizado a falar) e de sua posição espacial (em cima do palanque, o que lhe permite visualizar melhor a praça).

A promoção do ouvinte é também um ato fraco. Apenas três discursos realizam a promoção do ouvinte (D1,

<sup>8</sup> A manifestação realizou-se em um dia chuvoso (choveu já próximo do final do ato público), um dia feriado, por isso, de pouco fluxo de transeuntes (a Praça José de Alencar fica localizada no centro comercial da cidade, portanto, o movimento em dias úteis é intenso), a partir das 17h até por volta das 20h. Conseqüentemente, o público foi reduzido, apesar da divulgação que foi feita pelos meios de comunicação, da panfletagem realizada nos bairros e fábricas e do fato de manifestações semelhantes se repetirem anualmente. Acredito, porém, que os principais fatores que levaram ao pouco comparecimento à manifestação são de ordem conjuntural: a recente eleição de Fernando Collor de Melo e a decretação de seu plano de combate à inflação em estilo espetacular, que obteve apoio maciço das classes populares.



D9 e D13). Supomos que este fato reforça a nossa hipótese de que os discursos em questão apresentam forte tendência para a enunciação monológica. É certo que é característica da situação discursiva do tipo que analisamos a unilateralidade da fala, isto é, apenas um dos atores da interlocução exercer efetivamente o direito de falar. É este, aliás, um dos elementos que a diferencia da situação de conversação. No entanto, uma referência maior ou menor ao ouvinte pode revelar uma maior ou menor preocupação com a interacionalidade do discurso. A preocupação dos oradores em questão parece ser mais a de sensibilizá-los através de outros meios que não a promoção.

Há que se observar, ademais, que quando a promoção atorial ocorre ela se dá através da debreagem tanto do eu do falante, quanto do tu do ouvinte. Como se pode perceber nos dois recortes acima, a referência que se faz ao ouvinte se realiza sob forma de uma referência de terceira pessoa, como uma referência a algo distante do falante e do ouvinte. Assim, raramente se usa vocês ou nós ou a gente, mas “os trabalhadores”, “os militantes”, “aqueles que lutam”, etc.

A embreagem que se faz quando os falantes dizem “companheiros” ou “companheiros trabalhadores” ou ainda “companheiros e companheiras”, não indica nenhuma preocupação interacional, pois não passa de um estereótipo próprio da formação discursiva que é utilizado por todos, sem exceção.

Também o espaço da enunciação é objeto de promoção positiva por parte dos oradores. Como já dissemos, a praça em que se deu o evento tem grande reputação na história política da cidade, especialmente para o campo das forças democráticas e populares. Isto, naturalmente, influencia a produção dos discursos. Dá-se a promoção do espaço quando os locutores valorizam-no a fim de levar o ouvinte a igualmente valorizá-lo. Há que observar que se deu também em uma praça o acontecimento que trouxe ao dia a significação que ele tem:

*Bom, companheiros, esse primeiro de maio nos lembra a greve que teve nos Estados Unidos quando cem operários foram fuzilados em praça pública.*

Portanto a embreagem da praça nos discursos se dá, da mesma forma que a embreagem da data, a pretexto de um chamado para a luta e até mesmo da promoção da entidade que autoriza a fala do orador:

*É muito importante que a classe operária, os trabalhadores, esteja aqui na praça, mostrando do a luta que representa... a luta contra este governo fascista que vem mais uma vez colocar planos contra os trabalhadores. O PCdoB há 68 anos que luta nesta praça, que luta neste país, pelo país socialista.*

A promoção da praça como espaço de luta ao mesmo tempo em que se dá através da embreagem da praça, pode significar também, muitas vezes, a debreagem do aqui do falante:

*É isso aí... no 1.º de maio, um dia de luta, um dia de sacrifícios que mais uma vez os trabalhadores vêm à praça num momento difícil da conjuntura nacional... (D4)*

Pode-se notar que a promoção do espaço vem quase sempre estreitamente ligada à promoção do tempo. Há uma simultânea identificação entre a data e a praça com a luta de ontem e de hoje.

No entanto, a embreagem da praça é significativa, mas não é preponderante na maioria dos discursos, podendo também ser considerada um ato fraco. Dos 18, 6 embreiam a praça, 6 não fazem qualquer referência ao espaço mais imediato da enunciação, 5 embreiam o aqui da enunciação, e apenas um embreia outro espaço: “as ruas”. É bom lembrar que a embreagem da praça ou das ruas significa a debreagem do aqui do falante. Esta é então majoritária (7). Somando-se esta debreagem à completa debreagem do espaço (tanto da praça como do aqui) que se dá em 6 discursos, temos que o mesmo fenômeno que ocorre com a data e com o ouvinte, ocorre com o espaço da enunciação: ele é tratado como se não fosse, de fato, o espaço da enunciação, isto é, como se fosse um espaço distante dos interlocutores.

Vimos, portanto, que a debreagem tanto dos atores, como do espaço e do tempo da enunciação é predominante nos discursos políticos analisados. A debreagem realiza, como afirma Parret (1988), uma projeção para a frente, a partir de si, que a enunciação faz do eu, do tu, do aqui e do agora da enunciação criando um duplo que aparece como um não-eu, não-tu, não-aqui e não-agora a fim de tornar mais objetivo o discurso. Pensamos que isto se dá em função da necessidade que os falantes têm de:

- 1) Buscar a adesão dos ouvintes às propostas de seu grupo político, mostrando que elas são as melhores;
- 2) Contrapor suas propostas às propostas dos outros;
- 3) Fazer com que os ouvintes se identifiquem ideologicamente com o seu grupo.

Para isso é necessário que as propostas não sejam identificadas como sendo pessoais. É necessário, portanto, que o sujeito se eclipse da enunciação e é por isso que os oradores fazem o possível para apagar algum aspecto dialogal de seus discursos. Agindo assim, eles assumem o princípio de que a verdade é uma instância da universalidade, e de que é intrínseco à verdade não ser contingente a um sujeito (id.ib.).

Nos discursos analisados ocorre também o que chamamos **promoção negativa**. Ao contrário da promoção positiva, trata-se tentar fazer com que o ouvinte compartilhe do juízo negativo que o orador faz de determinados actantes da enunciação. No caso em questão são objetos de promoção negativas determinados indivíduos, instituições, etc, considerados inimigos. As estratégias discursivas utilizadas para o ato de promoção dos inimigos são:

- 1) A embreagem dos mesmos, isto é, a referência explícita aos sujeitos que são alvos do ataque.

Os sujeitos-alvo mais frequentes nos discursos são Collor e tudo o que está ligado a ele (Plano, Governo, etc) (23 referências); a burguesia e denominações afins (explorado-



res, classes dominantes, capitalistas, classe empresária, classe burguesa) (14 referências); o sistema capitalista e sinônimos (capitalismo, regime capitalista (14 referências). São citados ainda o latifúndio (4), a Rede Globo (3), o Governo Tasso (3), a burocracia (do Leste Europeu)(3), etc.

2) A conseqüente debreagem do sujeito da promoção. Raramente estas promoções são feitas com a embreagem do eu da enunciação. Nunca se diz, por exemplo, "eu acho que Collor é fascista", mas sempre "Collor é um fascista". Assim, a debreagem se dá pela total impessoalização:

*Porque, na verdade, o Governo Collor, a exemplo do Governo Sarney e dos governos da ditadura representam sim as classes opressoras desse país, a burguesia que nunca valorizou o trabalhador. ( D9)*

Mas pode se dar também através da indeterminação do sujeito da promoção:

*...e agora a gente vê um novo governo neste país, o Sr. Collor de Melo, que representa os mesmos anseios daqueles que governavam esse país na época da ditadura militar. Nós sabemos que os homens que gozam de sua confiança são os mesmos que mataram milhares de trabalhadores; são os mesmos que reprimiram movimentos grevistas; são os mesmos que mataram nossos companheiros em Volta Redonda. ( D1)*

3) A desqualificação do sujeito-alvo através, de predicativos negativos. As predicções podem se dar através de simples adjetivos, dos quais os mais comuns são "fascista", "entreguista", "prepotente", dirigidos a Collor e seu governo; "recessivo", referente ao Plano Collor; e "opressor", "explorador" referidos ao sistema capitalista e à burguesia. As predicções podem se dar também através de proposições ativas do tipo que ocorre no recorte abaixo:

*...se iludir com a Rede Globo, especialmente, que vem 24 horas por dia iludindo os trabalhadores... (D1)*

4) A modalização epistêmica indicadora de certeza. Finalmente, a estratégia discursiva mais utilizada para efetuar a promoção negativa do inimigo é a modalização epistêmica indicadora de certeza. Trata-se da utilização de verbos referentes a um conhecimento do sujeito a respeito de um estado de coisas. No caso dos discursos, a maioria expressa certeza.

*Mas nós sabemos muito bem que essa política econômica do Sr. Collor de Melo é uma política de privatização... (D4)*

Finalizando estas considerações sobre o ato de promoção, concluímos que, nas circunstâncias enunciativas em questão, tal ato está marcado sensivelmente por processos de modalização e debreagem que dão uma feição monológica acentuada ao discurso político operário-popular. Além disso, o caráter fraco do ato da promoção, tão forte na oratória clássica, por um lado, evidencia desesperada preocupação em impulsionar as massas para a ação e, por outro, denuncia uma tendência notadamente autoritária deste discurso.

## O ato da informação.

O ato da informação cumpre duas importantes funções nos discursos analisados: buscar a adesão ou simpatia a uma causa específica da categoria que o orador representa e buscar a adesão dos ouvintes às propostas da organização na qual ele milita.

A primeira é mais comum nos discursos dos sindicalistas e dos representantes de entidades gerais. A informação pode-se dar através da embreagem da autoridade, isto é, da voz daquela entidade que autoriza o locutor a falar naquele evento:

*Companheiros e companheiras, em primeiro lugar, eu gostaria de me colocar como presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Ceará, o SINTECE, o primeiro sindicato livre que foi criado neste Estado passando por cima da estrutura sindical vigente fundado pela base dos trabalhadores em educação num dos congressos mais representativos dos trabalhadores cearenses. (D16)*

Neste discurso, o orador embreia a entidade de que é representante a fim de informar o público a respeito de seu sindicato, ao mesmo tempo em que o promove positivamente. Este é um primeiro passo para uma informação mais específica:

*Portanto, é nesse Primeiro de Maio que nós, do Sindicato dos Trabalhadores em Educação, o SINTECE, juntamente com a ADUFC, juntamente com os DCEs, juntamente com todas as entidades, estamos lançando aqui na praça o Fórum Estadual em Defesa da Escola Pública para que todo o movimento sindical possa compreender que essa luta, a luta pela escola pública, gratuita e de qualidade, tem de ser uma luta de todos os sindicatos, companheiros e companheiras, de todas as entidades, porque é um direito dos trabalhadores. E as classes dominantes querem privatizar. (D16)*

Pensamos inicialmente em enquadrar o ato de informar como sub-ato de um ato mais abrangente que seria o macro-ato de convencer. Este consistiria em apelar para a racionalidade através de demonstração lógica, da exemplificação, de provas objetivas. O que se nota, no entanto, é que os oradores em geral utilizam dois argumentos por autoridade. O do discurso acima, por exemplo, utiliza o julgamento de outra voz, no caso, a voz da lei, para justificar sua tese. Ele obedeceria à seguinte paráfrase: "Diz a lei que a escola pública, gratuita e de boa qualidade é um direito dos trabalhadores, logo, ela tem de ser objeto de luta de todos os sindicatos". Não se trata, portanto, de uma demonstração, mas da invocação de uma voz superior presumivelmente capaz de asseverar a tese. O outro argumento consiste, igualmente, na introdução de uma voz cuja a asserção presume-se que implique logicamente a justeza da tese. Do enunciado poderia ser formulada a seguinte paráfrase: "As classes dominantes querem privatizar a escola, logo, os sindicatos devem lutar por ela". Em virtude de casos como este, decidimos enquadrar o ato da informação no macro-ato



do envolvimento, já que este consiste em anular, através de uma série de recursos a possibilidade de crítica.

A formação discursiva parece, nesse caso, impedir um nível de detalhamento do discurso que cumpra mais efetivamente o ato de informar para o convencimento. Não se podendo demonstrar, acaba-se por invocar a autoridade.

Acontece de os discursos funcionarem através da semi-embreagem da entidade que lhes dá autoridade para falar e se fala, então, diretamente na voz da categoria de que se sente representante. A identificação do falante com a autoridade se dá através da embreagem de um suposto ouvinte, que seria a própria categoria profissional do falante.

*Boa noite, companheiros, companheiros da construção civil e todos os setores da indústria do Estado do Ceará. (D3)*

Esta embreagem dos ouvintes se dá a pretexto de informar a situação da categoria:

*Os trabalhadores da construção civil não é diferente dos outros setores que produz riqueza nesse país. Os trabalhadores da indústria da construção civil, hoje, depois desse Plano Collor, apesar de já ser uma categoria miserável, esmagada pelo capitalismo desse país, hoje está cada vez mais miserável, com o salário cada vez mais archoado. Hoje também, companheiros, queremos fazer um protesto, nós da construção civil, contra a insegurança que vive os trabalhadores da construção civil hoje. Todos os dias temos acidentes com morte, temos acidentes com mutilações que vivem os companheiros da construção civil. (D3)*

Pensamos que a semi-embreagem da autoridade que este discurso realiza indica um caráter menos autoritário. Além disso, a embreagem que ele faz de sua categoria pode indicar uma ligação bastante estreita entre o locutor e seus companheiros de trabalho, de modo que ele, antes de se sentir representante de uma entidade, sente-se representante de sua categoria.

No entanto, este discurso tem apenas um similar entre os discursos acontecidos (D2).

Outra função da informação, mais própria (porém não exclusiva) do discurso dos representantes dos partidos, é a da busca da adesão à causa. O recurso à autoridade feito neste caso varia conforme a posição do sujeito em relação à entidade. Sabe-se que é comum a existência, no interior das agremiações partidárias de esquerda do país, de organizações políticas com ideologias próprias que disputam a hegemonia. Isto se reflete mais ou menos claramente nos discursos analisados através da semi-embreagem da autoridade. Vejamos como ela se dá no discurso 8:

*Companheiros e companheiras, o Partido dos Trabalhadores, no seu 7.º Encontro realizado neste último fim de semana, aqui em Fortaleza, tirou a decisão e a determinação de orientar a classe trabalhadora na luta pela greve geral contra o Plano Collor, construindo uma alternativa pelo socialismo da classe trabalhadora brasileira. (D8)*

Enquanto que D3 debréia a autoridade, não lhe fazendo a menor referência, D13 embreia a autoridade em primeira pessoa:

*Companheiros trabalhadores, hoje, no Dia Internacional da Classe Trabalhadora, nós viemos aqui afirmar que os trabalhadores de todo o mundo estão lutando contra a opressão, contra o capitalismo e contra a burocracia estalinista no Leste Europeu; viemos afirmar que um sexto da dívida internacional está bastante claro na Alemanha, quando o proletariado europeu derrubou o muro de Berlim... (D13)*

D8 refere-se à autoridade em terceira pessoa, portanto, semi-embreia a autoridade. A característica principal dessa operação é a preservação do eu do falante, podendo ele manter-se distante da entidade que representa. No discurso seguinte, D9, ocorre o mesmo.

Resta-nos ainda analisar o caso dos discursos de entidades gerais e sindicatos que se utilizam do ato informativo para buscar a adesão do ouvinte para uma causa não-específica. A bem da verdade, o que ocorre é que a maioria dos discursos das entidades utiliza-se das duas funções. No entanto, é interessante examinar o caso do discurso 5 que, embora fale em nome de um sindicato, engaja abertamente uma outra autoridade:

*E a Corrente Sindical Classista, recentemente em seu congresso, deliberou integrar-se à Central Única dos Trabalhadores para que esse projeto seja fortalecido, para que possamos consolidar uma central unitária, classista, de luta e combativa, para fazer frente a toda essa política da burguesia contra os trabalhadores. Pra finalizar, queremos lembrar que amanhã, às 9:30h, na Câmara Municipal de Fortaleza, atendendo ao requerimento do vereador Inácio Arruda do PCdoB, estará acontecendo uma sessão especial em homenagem ao Dia do Trabalhador... (D5)*

Percebe-se claramente que o orador, a pretexto de informar, promove o partido em que milita, embora não o esteja representando ali. Atente-se para o fato de que a central sindical embreada, logo no início, foi organizada pelo mesmo partido a que pertence o vereador mencionado. Aliás, a menção gratuita do nome de tal partido é sintomática e o fato de se repetir no evento discursivo deve constituir uma característica da sua práxis lingüística: a do freqüente embrear da autoridade, estratégia característica da propaganda política.

Apesar de ser preciso uma pesquisa mais acurada a respeito, pensamos que a análise dos atos informativos revela uma realidade discursiva em que se reflete a realidade extra-discursiva onde, de um lado, predomina a fetichização da entidade e o conseqüente distanciamento dos líderes de suas bases, de outro, a dupla militância muito freqüente nas organizações de esquerda e o igualmente freqüente aparelhamento de entidades por outras.



## O ato da agitação.

### a) O ato de impressionar.

A agitação é um processo que visa, através de uma rápida análise de um determinado fato ou questão, a agir sobre o lado emocional do ouvinte. A denominação e o conceito vêm de Vladimir Lênin que, em um de seus textos (Lenin, 1986) sobre o processo de luta revolucionária, a recomendava como uma estratégia discursiva que teria como um dos objetivos fundamentais impressionar o ouvinte a fim de revoltá-lo contra a ordem constituída. Para isso, a análise que é feita precisa conter uma carga de denúncia muito forte. Não se trata de fazer uma análise rigorosa e precisa de uma situação ou conjuntura (já que o objetivo não é informar), mas de denunciá-la a fim de sensibilizar os ouvintes. No caso dos discursos analisados, as informações que são trazidas para o discursos são geralmente associadas com palavras fortes, geralmente de caráter pejorativo. O recorte abaixo é representativo deste fato:

*E nós, servidores públicos do Estado do Ceará e do Brasil, estamos sofrendo, estamos marginalizados por este Governo Collor, particularmente por esse plano calote, como nós entendemos muito bem. Esse plano, minha gente, veio mais uma vez para massacrar a classe trabalhadora. E a gente sabe muito bem como foram os outros planos: o Plano Cruzeiro, o Plano Cruzado, o Plano Bresser e tantos outros planos que vieram para massacrar o conjunto da classe trabalhadora. (D7)*

Observe-se que a rápida análise que é feita se utiliza de um mínimo de informações (o autor supõe que a conclusão que ele postula é evidente) e uma ênfase em palavras de valor negativo como “sofrendo”, “marginalizados”, “calote”, “massacrar” (repetida). Neste discurso, o falante se utiliza fartamente da estratégia da indeterminação como forma de acentuar o caráter de evidência das afirmações que faz. Outro exemplo temos no discurso D6:

*Nesse sentido, esse pacote que foi editado pelo Governo Collor de Melo, o pacote que atesta a falência da economia nacional brasileira, é um pacote que coloca em pauta a privatização de todos os setores essenciais da economia nas mãos do Estado (...) esse Plano que é recessivo, um plano que está levando a milhares de demissões, um plano que está levando milhares de companheiros trabalhadores, não só bancários, mas operários da construção civil, metalúrgicos, à miséria e ao desemprego. (D5)*

Nestes recortes, o autor, além de utilizar palavras de valor mais comumente negativo como “falência”, “demissões”, “miséria”, “desemprego” e “recessão”, institui um valor negativo a algumas outras cujo valor é disputado na sociedade. É o caso da palavra “privatização”. Tal palavra, é geralmente axiologizada positivamente pela burguesia,

tendo chegado até a fazer parte do programa de governo do candidato Collor e de outros presidenciáveis. Pensamos que a axiologização negativa é um recurso alternativo à explicação teórica proibida pela formação discursiva. Assim, o falante é constrangido a declarar que o Plano Collor é “privatizante” sem explicar porque ser “privatizante” é um fator negativo. Desse modo, ele embute na própria palavra um valor negativo a fim de levar o ouvinte a se impressionar negativamente com o Plano. O caráter da denúncia consiste justamente nisto: a axiologização negativa da análise feita. Vejamos outro discurso:

*No nosso Estado, nós observamos milhares de trabalhadores sofrendo as conseqüências da seca e da miséria, enquanto o Governo Federal faz o descaso, onde o Governo Federal afirma ser o Nordeste um gueto predestinado à miséria. (D12)*

Um fato que ocorre não só neste discurso mas em muitos outros é a presença de elementos quantificadores para acentuar o caráter de denúncia. Tais quantificadores são, porém, na maioria das vezes, de caráter vago, já que a formação discursiva não permite o detalhe de informações deste tipo. Assim temos nos recortes anteriores: “o conjunto da classe trabalhadora” (D7), “milhares de demissões”, “milhares de companheiros” (D6); e neste recorte (D12) temos “milhares de trabalhadores”. Mais uma vez o caráter de denúncia se instala nas palavras de sentido axiológico negativo: “sofrendo”, “seca”, “miséria” (repetida), “gueto”. Também a estratégia da indeterminação é aqui utilizada através da expressão “nós observamos”. Tanto o uso de palavras negativas como a estratégia da indeterminação dispensa o autor da explicação de como se dá o fato denunciado. Esta é substituída pela informação “o Governo Federal afirma ser o Nordeste um gueto predestinado à miséria” que não cumpre função demonstrativa, pois se trata de uma proposição cuja veracidade pode ser facilmente contestada.

Percebe-se então que o processo da agitação neutraliza a explicação teórico-demonstrativa através da indeterminação do sujeito e, principalmente, da utilização de palavras de valor negativo, bem como da axiologização de outras cujo sentido tem valor ainda não consolidado na sociedade. Isto explica o caráter vago das análises e denúncias realizadas e ao mesmo tempo o seu forte teor emotivo.

Em outros discursos, os oradores se detêm muito mais na tentativa de despertar a indignação e o descontentamento do que propriamente na análise de uma determinada situação. Nesse caso, utiliza-se a asserção simples, dispensa-se maiores comentários e, principalmente, lança-se mão do apelo ao aspecto subjetivo e emocional da questão. Vejamos dois exemplos:

*...porque, já pensou, o trabalhador ganhando esse mísero salário, inclusive já está em arrocho salarial, ter na mente aquilo que é essencial para sua sustentação que é o seu emprego,... (D18)*



*É isso aí companheiros. Mais uma vez os trabalhadores brasileiros pagam a conta desse sistema capitalista. Agora é a demissão em massa, agora é a recessão que leva milhares e milhares de trabalhadores à angústia e à depressão. Mas nós sabemos muito bem que essa política econômica do Sr. Collor de Melo é uma política de privatização, é uma política de entregar o que foi construído com o sangue e o suor dos trabalhadores aos grandes grupos econômicos. A internacionalização da economia é brutal para os trabalhadores. E nós sabemos, companheiros, que os metalúrgicos do Ceará, que já chegam a 7000 demitidos, que os companheiros da construção civil, que os companheiros comerciários que também estão sendo demitidos em massa... (D4)*

No primeiro recorte, o falante se dirige ao ouvinte (“já pensou”) e descreve a situação dramática do trabalhador de forma impressionista. No segundo, o locutor faz referência a esta situação através de palavras de conteúdo psicológico (“depressão”, “angústia”) e de expressões de forte conteúdo emocional (“o sangue e o suor”, “brutal”). A presença de quantificadores, da indeterminação, da axiologização e das palavras de valor negativo é também evidente neste recorte.

É importante atentar para o fato de que as informações que são veiculadas pelos oradores quando da análise-denúncia ou quando do ato de provocação da indignação e do descontentamento não têm, na verdade o objetivo de informar, não sendo, portanto, parte do ato perlocucionário da informação. É como se se tratasse de um ato de informação truncado a tal ponto que acaba se convertendo em outro, pois toda informação veiculada está a serviço de uma tentativa de impressionar o ouvinte, de sensibilizá-lo, de fazê-lo atentar para a gravidade da situação.

#### **b) O ato de persuadir.**

O objetivo principal da persuasão que tentam fazer os oradores é conduzir os ouvintes à ação. Para isso eles se utilizam do apelo, que consiste, ora em explicitamente chamar os ouvintes a se engajarem na luta, ora em colocar essa ação como necessária por força das circunstâncias. Nos discursos, o apelo pela ação é inseparável da indicação do modo como deve ser feita esta ação. Por isso analisaremos este ato conjuntamente com o ato da indicação.

#### **O ato da indicação.**

Pensamos ser este o ato perlocucionário forte na grande maioria dos discursos analisados. A indicação tem estreita relação com condições de produção relacionadas com a fragmentação do movimento operário e a perplexidade do mesmo diante da derrota do candidato Lula nas eleições presidenciais, bem como com as primeiras medidas adotadas pelo novo governo. Fazia-se, naquele momento, urgente definir caminhos para a ação política. E é aí que nasce a contradição fundamental que rege a produção dos enunciados: o caminho da união parece ser consensual entre os

oradores, porém, cada um pretende definir os critérios dessa união e as tarefas que caberão ser realizadas por ela.

Como foi dito antes, o ato da indicação se dá em estreita vinculação com o ato do apelo à ação. Ele consiste no ato de determinar a ação pela qual se apela. Vejamos, então, o seguinte recorte:

*E nós do Partido da Libertação Proletária conclamamos o conjunto da classe operária, o conjunto do povo explorado desse país a cerrar fileiras e dar um combate sem trégua aos partidos burgueses e a esses candidatos progressistas que quando se encontram na defesa dos interesses da burguesia, se unificam como se unificaram agora no Congresso Nacional. (D10)*

Ao realizar este apelo, o orador embreia a autoridade do partido que representa e faz um chamamento de forma explícita (através do performativo “conclamamos”) aos ouvintes, que, por sua vez, são debreados, pois são no máximo tratados pela terceira pessoa (“o conjunto da classe operária”, “o conjunto do povo explorado desse país”). A embreagem ou debreagem da autoridade ou do sujeito da enunciação ocorre quase sempre em função da explicitação ou apagamento do verbo performativo. Isto é, quando o orador embreia a autoridade ou o seu eu, certamente ele fará uma conclamação explícita. Do contrário, a conclamação será indireta fazendo parecer que são as circunstâncias e não o locutor que apelam pela ação. O discurso acima se enquadra no primeiro caso.

Veja-se que o que faz o locutor não é apenas um apelo pela ação, por qualquer ação. Ele indica qual deve ser esta ação através de uma série de modalizadores. Assim, o ouvinte deve cerrar fileiras e combater, e essas fileiras e esse combate devem ser “sem trégua”, e devem ser contra os partidos burgueses e progressistas. A menção destes últimos (os partidos progressistas) indica, por outro lado, uma restrição que o partido do orador faz à união, já que alguns dos partidos que foram representados no evento são considerados e se consideram “progressistas”. Assim, indica-se não só o modo da ação e contra quem ela deve-se dirigir, mas também, indiretamente, os critérios que guiarão a unidade de ação.

Muitas vezes, o orador debreia a autoridade e faz uma conclamação indireta apoiando-se na força das circunstâncias:

*Portanto, companheiros, tá colocada uma tarefa central para a classe trabalhadora; tá colocada uma tarefa para o conjunto da militância sindical; para o conjunto da militância de Fortaleza, do Ceará e do Brasil, a buscar uma resposta de criar formas alternativas de combate sem tréguas para esse Plano Collor. (D1 )*

Este recorte sucede um outro em que o falante promove negativamente o inimigo (Collor) informando que os homens de sua confiança são os mesmos que oprimiram o povo no passado. Este fato é implicitamente considerado o sujeito da ação de apelar. É ele que, no fundo, conclama à



ação. Isto se dá como recurso alternativo à conclamação explícita que só poderia ocorrer com a embreagem da autoridade ou do eu da enunciação e se expressa na superfície lingüística através da união do auxiliar “tá” ao verbo “colocar” na voz passiva. Presumimos que o fato de o falante não ter embreado a autoridade nesse recorte, assim como em nenhum momento de seu discurso, se deve ao fato de sua autoridade não ser exatamente aquela entidade a qual ele representa no evento. Isto se torna mais perceptível quando se observa que o falante utiliza uma expressão que parece ser uma palavra de ordem de seu partido para aquele momento: “combate sem trégua”. Para isto, basta verificar que ela se repete no discurso do qual retiramos e analisamos anteriormente o recorte (D10). Desse modo, embora o falante esteja representando ali uma determinada entidade, ele fala, na verdade, pela voz de seu partido.

Há casos em que o orador indica em que direção deve ser feita a análise da situação. Embora aparente tratar-se de uma análise-denúncia, o que ocorre de fato é a indicação da melhor forma de compreender o momento:

*E neste momento, nosso encontro deve ser exatamente uma reflexão para entender que o sistema capitalista vem aprofundar a crise que hoje o imperialismo atravessa no mundo todo. As nações dependentes do tipo do Brasil... não têm forma de encontrar solução para os problemas que enfrentam os trabalhadores. (D9)*

Neste recorte, as condições de produção levam o orador a cometer um absurdo lógico ao modalizar a palavra “reflexão”, já que não se pode determinar de antemão qual deve ser o resultado de uma reflexão.

A indicação, como deve-se ter notado, dá-se principalmente através da modalização deôntica, isto é, aquela que expressa a determinação da conduta. As principais expressões modalizadoras são as que manifestam obrigatoriedade e imperatividade. As estruturas dessas expressões são as mais diversas possíveis. Há o caso do emprego do verbo no futuro do pretérito seguido da ação indicada (“...onde daqui sairá um movimento amplo de denúncia...” D1); do uso de orações subordinadas ligadas a determinados verbos através da conjunção **que** (“...nós temos que organizar imediatamente um comitê de desempregados...” D4); do uso do pretérito perfeito com valor de hipótese (“E isso... só poderá ser impedido se houver uma grande resistência dos trabalhadores brasileiros...” D5); do emprego de predicados cristalizados (“E é preciso que a gente tome consciência da necessidade de mobilizar...” D7); do emprego dos auxiliares modais (“...esse primeiro de maio deve se constituir em mais um ato nesse momento forte...” D15), etc.

Finalmente é importante observar a contradição entre a pregação da união e a indicação dos critérios e rumos dessa união. A união é a tônica da maioria dos discursos. Percebe-se isto quando se constata que dos 18 discursos, 8 utilizam a palavra união e cognatos (reunidos, unidos, unificando, unidade, etc) e os demais utilizam expressões quantificadoras

(todos, o conjunto, somar, acumular, etc), sendo que, apenas dois não fazem nenhuma referência ao tema. No entanto, também é um fato que a maioria esmagadora dos discursos indica através de modalização deôntica diversas posições.

A negação da união, apesar de sua afirmação, às vezes se dá de forma explícita em alguns discursos, mediante uma restrição modalizadora:

*E é importante, pelo momento político que nosso país atravessa, que nós trabalhadores, a gente tenha bem claro a necessidade da unidade dos trabalhadores sob as perspectivas de nós construirmos, a partir da nossa organização, a partir de nosso sindicato, a partir da Central Única dos trabalhadores, a partir dos partidos que se colocam no campo da defesa do socialismo, uma grande unidade, unidade essa que vai ter como alvo central o combate ao Governo Collor, o combate a esse Plano Brasil Novo, o combate ao poder da burguesia e do latifúndio. (D10)*

Note-se que o fato de os discursos, ao pregarem a unidade, raramente fazerem referência aos adversários e sim a uma entidade abstrata (classe operária, trabalhadores, etc) é sintomático de que o que se pretende é, na verdade, que todos sigam as diretrizes do partido. Alguns, inclusive, não escondem essa pretensão:

*E aí, companheiros, nós chamamos vocês para erguer a bandeira da luta contra esse fascista que está aí, o Sr. Collor; erguer a bandeira, companheiros, contra esses capitalistas que exploram os trabalhadores. E aí, companheiros, nós erguemos a bandeira, essa bandeira, a 68 anos, a bandeira do socialismo, a bandeira do partido que traz consigo a revolução proletária. Conclamamos vocês a erguer essa bandeira, a estar sempre firme na luta contra esses exploradores. (D11)*

A quem está dirigido este discurso? Que estranha lógica faria este orador conclamar uma platéia de militantes de diversas siglas, tão convictos quanto ele de suas bandeiras, a abandonar seu partido ou tendência para se engajar em sua organização? Uma resposta possível seria que a imagem que o locutor tem do ouvinte é a de que este sempre pode estar suscetível a mudar, ou ainda de que entre os ouvintes sempre pode haver alguém a procura de um partido. Outra resposta poderia ser que o falante talvez fale isto como forma de, entre tantas outras tendências e partidos, afirmar a identidade de sua organização. Pensamos que são respostas que detêm cada uma um pouco da verdade. Do ponto de vista discursivo, pensamos que se trata de mais uma manifestação do caráter monológico da formação discursiva que vem sendo criada pelo trabalho lingüístico dos oradores da esquerda. O discurso é enunciado como uma forma de marcar posição em função dos outros. No fundo, os pretendidos interlocutores são os próprios companheiros de oratória. Não se fala, portanto, para a platéia, mas para os oradores adversários.



Dessa forma, a dimensão dialógica (no sentido da interação locutor-auditório) é substituída pelo monólogo (ou seja, a liderança fala consigo mesma).

Destas considerações depreende-se que a modalização realizada pelos discursos, predominantemente situada na região superior do esquema proposto por Blanché (apud Koch, op.cit.,77) o enquadra no campo dos discursos autoritários<sup>9</sup>. Ao mesmo tempo, a forma com que a maioria dos oradores indica a autoridade, praticamente sem reconhecer a existência de adversários, denuncia a tendência ao vanguardismo e ao sectarismo<sup>10</sup>.

## O DISCURSO DISCREPANTE

Algumas páginas atrás, fizemos referência à forma como Pêcheux conceitua a categoria **formação discursiva**. Na época da inauguração da AD, por influência do marxismo estruturalista de Louis Althusser, o conceito era por demais fechado, desprezando a noção de contradição interna. Preferi uma visão mais dialética do mesmo. A formação discursiva consiste, ao nosso ver, em um conjunto de forças coercitivas instituídas pelo homem, tendo este, por outro lado, o poder (competência) de subvertê-la e transformá-la através de seu trabalho lingüístico e atuação extra-lingüística. Para **demonstrar a realidade deste conceito e também a existência da** contradição interna, analisaremos dois discursos especiais pronunciados no evento: o D3 e o D17, sendo o primeiro um exemplo de discurso discrepante e o segundo, exemplo de discurso fracassado.

Observando o discurso D3 (v. anexo), do qual já tivemos oportunidade de analisar alguns recortes, percebe-se que ele apresenta algumas características que o diferenciam da formação discursiva:

a) A modalização autoritária deontica (“deve”) é quase sempre neutralizada pela modalização epistêmica polêmica (“eu acho”);

b) O locutor não lança mão da embreagem da autoridade. Esta é debreada de forma que o orador fala diretamente como líder de sua categoria sem precisar fazer alusão direta à entidade que representa;

c) O locutor reconhece a existência de partidos, organizações e tendências políticas diversas quando propõe a união através da organização dos trabalhadores “dentro de seus sindicatos, dentro de seus partidos políticos”.

d) Em alguns momentos o falante embreia o seu eu (“Era essa as minhas palavras, companheiros”, “eu acho”).

Este discurso (que só encontra par no discurso D2) possui características não-autoritárias e demonstra, ao nosso ver, que a competência (poder dizer) pode consistir na ação “construtiva” de um *status quo* discursivo (competência para a manutenção da ordem discursiva - poder dizer o que está em conformidade com esta), mas pode consistir também na ação “destrutiva” que discrepa e contraria as coerções da formação discursiva (poder não dizer o que deve ser dito e do modo como deve ser dito).

## O DISCURSO FRACASSADO

O D17 representa um esforço de uma oradora em se enquadrar na formação discursiva. Para isso ela realiza alguns atos que sabe, de alguma forma, pertencerem à formação discursiva:

*Companheiros, estamos aqui, solidariamente com os trabalhadores da classe trabalhadora pra unificar essa força... pra unificar essa força... certo. (D17)*

Esta introdução preenche dois requisitos da formação discursiva: o **tratamento (“companheiros”)**, a **tematização da união**. No entanto, não consegue prosseguir no sentido da modalização deontica, realizada com êxito pelos outros discursos. Ela passa, então, à promoção negativa do inimigo:

*Esse pessoal..., a classe empresária (eu tô aqui nervosa, viu gente!)... a classe empresária ficando em cima da gente, trabalhadores,... (D17)*

Este recorte representa, na verdade, uma tentativa fracassada de promoção negativa do inimigo. Ele inicia com uma referência inadequada (“esse pessoal”), lança mão de outra (“a classe empresária”) e predica, também de forma inadequada, o inimigo (“ficando em cima da gente”). Percebendo o fracasso, a oradora tenta outra vez:

*...mas precisamos unificar essa luta... nós precisamos unificar nossa luta... pra derrubar essa classe burguesa que está aí, mamando em cima de nós, trabalhadores que temos filhos nas empresas e que essas empresas, por sinal, não dão creche, não dão salário justo para nós trabalhadores. (D17)*

<sup>9</sup> Conforme Koch (op.cit., 87) “quando um locutor, ao produzir seus enunciados, recorre predominantemente às modalidades que se situam nos vértices superiores do hexágono de Blanché (...), o discurso apresenta-se como autoritário: é o campo da necessidade, da certeza, do imperativo, das normas. O locutor procura manifestar um saber (explícito ou implícito) e obrigar o interlocutor a aderir ao seu discurso, aceitando-o como verdadeiro.”

<sup>10</sup> Lançamos mão aqui da conceituação que Adam Schaf (1973) faz destes fenômenos. Para Schaf, o vanguardismo consiste na separação do partido revolucionário das massas cuja consciência ainda não tenha evoluído aos modelos da ideologia revolucionária; e o sectarismo consiste em se tomar, de forma refratária a qualquer discussão, um determinado sistema de pensamento ou modelo ideológico como sendo o único válido, como sendo a verdade. Podemos dizer que, enquanto o sectarismo é uma prática discursiva, pois diz de uma atitude diante de um determinado discurso, o vanguardismo é uma prática extra-discursiva, pois se refere a um comportamento político.



Percebe-se que a oradora retoma a temática da união tentando realizar a modalização que não conseguiu fazer anteriormente. No entanto, ela acaba, na verdade, realizando uma mistura de informação por debragem da autoridade, que busca trazer ao discurso a causa específica da entidade pela qual fala a oradora, e agitação, através da análise-denúncia. A expressão “derrubar a classe burguesa que está aí, mamando em cima de nós” tenta, ao mesmo tempo, **retificar** o insucesso anterior da promoção negativa do inimigo, e iniciar uma indicação. Porém, a expressão “que temos filhos nas empresas e que essas empresas, por sinal, não dão creche,” acaba por representar uma informação a respeito da causa específica da oradora (sinalizada pelas palavras “filhos” e “creche”). A análise-denúncia se esboça com a afirmação “não dão salário justo para nós trabalhadores”. Como não conseguiu, nesse momento, embrear a autoridade, ela finaliza:

*Estou aqui representando o Centro Popular da Mulher de Fortaleza. Muito obrigado minha gente e desculpe porque eu tô nervosa. (D17)*

Este discurso representa uma tentativa fracassada de se enquadrar na formação discursiva. Note-se que as interações que a autora realiza com os ouvintes (“certo”, “eu tô aqui nervosa, viu gente!” e “muito obrigada, minha gente, e desculpe porque eu tô nervosa”) funcionam fora de seu discurso, que assume a característica monológica da maioria dos outros discursos. Os atos perlocucionários e estratégias discursivas fortes na formação discursiva não conseguiram ser cumpridos, o que demonstra o fracasso do discurso.

São justamente discursos como este que nos levam a corroborar a hipótese da existência de uma **competência discursiva**, de caráter social, que consistiria na capacidade que precisa ter o falante de inserir sua enunciação em determinada formação discursiva. Esta inserção supõe, além do saber falar (a chamada competência lingüística *stricto sensu*), o conhecimento de regras pragmáticas, históricas, contextuais, etc. que variam conforme a formação e situação discursiva. cremos ter descrito, em parte, algumas dessas regras relativas ao evento discursivo analisado.

## CONCLUSÕES

Concluindo, vimos que quando analisamos a linguagem na perspectiva do uso que falantes concretos dela fazem, percebemos outras dimensões do ato de falar que não se reduzem ao aspecto estrutural. A categoria de competência pode ser redimensionada e incluir a capacidade que o falante deve ter para produzir o seu discurso em conformidade (ou confronto) com o discurso do outro. Desse modo, o falante aqui não é considerado o terminal de execução do sistema sociolingüístico nem da gramática inata. O falante e sua fala são sínteses particulares de múltiplas determinações. A fala é social e aprender a falar não é simplesmente aprender a usar

uma técnica combinatória. Aprender a falar é construir, interagindo com os outros, um espaço de significação do ser, de suas práticas quotidianas (políticas, econômicas, ideológicas, etc.). Ao se organizar socialmente, esse espaço se intersecciona com o espaço dos outros e, de acordo com as práticas que se interrelacionam na formação social, ele pode ser cindido ou ampliado, reduzido (até o silenciamento) ou monopolizador (silenciador), moldado ou moldura. É portanto na prática social (lingüística e não lingüística) que o falante constrói sua competência de poder dizer e saber dizer nas configurações de espaços que os grupos sociais fundam. Encerro esta exposição com estas palavras de Bakhtin:

*Em essência, para a consciência individual, a linguagem (...) coloca-se nos limites do seu território e do território de outrem. A palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só se torna “própria” quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar com sua orientação semântica e expressiva. Até o momento em que foi apropriado, o discurso não se encontra em uma língua neutra e impessoal (pois não é do dicionário que ele é tomado pelo falante!), ele está nos lábios de outrem e a serviço das intenções de outrem: e é lá que é preciso que ele seja isolado e feito próprio. Nem todos os discursos se prestam a esta apropriação: muitos resistem firmemente, outros permanecem alheios, soam de maneira estranha na boca do falante que se apossou deles, não podem ser assimilados por seu contexto e escapam dele; é como se eles, fora da vontade do falante, se colocassem ‘entre aspas’. A linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante, ela está povoada ou superpovoada de intenções de outrem. Dominá-la, submetê-la às próprias intenções e acentos é um processo difícil e complexo. (Mikhail Bakhtin, In **Questões de literatura e de estética** apud Faraco e Tezza, **Prática de texto.**)*

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, A. Guido de. “Aspectos da Filosofia da linguagem - contribuição para um confronto e uma aproximação entre filosofia e ciência da linguagem”. In **CADERNOS DA SEAF 1**, Rio de Janeiro, 1978.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, São Paulo: Hucitec, 1988.
- CALVET, J. L. **Pour et Contre Saussure**. Paris: Payot, 1975.
- CERVONI, J. A. **Enunciação**. São Paulo: Atica, 1989.
- COSTA, Nelson B. da. **A Produção do Discurso Operário**. Dissertação de Mestrado, UFC, Fortaleza, 1991.
- DOMENACH, Jean-Marie. **La Propagande Politique**. Paris: PUF, 1979.
- ELIA, S. **Orientações da Lingüística Moderna**. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1987.



- GADET, F. e HÄK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso - uma introdução** à obra de Michel Pêcheux. Campinas: EDUNICAMP, 1987.
- KOCH, Ingedore G. V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1987.
- LENIN, V. I. "Que Fazer" In **Obras Completas I**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.
- MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: EDUNICAMP / Pontes, 1988.
- OLIVEIRA, Manfredo A. de. **Filosofia da Linguagem e da Ciência**. Inédito (mimeo). Fortaleza, 1978.
- \_\_\_\_\_. "Linguagem e Práxis Social". In **Revista Contexto** (Língua, Literatura e Sociedade) 1. Fortaleza, 1989.
- ORLANDI, E. P. **A Linguagem e Seu Funcionamento**. São Paulo: Pontes, 1987.
- ORLANDI, E. P., GUIMARÃES, E. e TARALLO F. **Vozes e Contrastes**. São Paulo: Cortez, 1989.
- OSAKABE, H. **Argumentação e Discurso Político**. São Paulo: Kairós, 1989.
- PARRET, H. **Enunciação e Pragmática**. Campinas: EDUNICAMP, 1988.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Campinas: EDUNICAMP, 1988.
- PERRET, Michèle. **L'Énonciation en Grammaire du Texte**. Paris: Nathan, 1994.
- PONZIO, Augusto. **Producción Linguística y Ideología Social** (para una teoría marxista del lenguaje y de la comunicación). Madrid: Alberto Corazón Editor, 1974.
- SCHAF, Adam. "Consciência de classe e consciência de uma classe" acompanhando o texto "a consciência de classe" de George Lukács. In **Sobre o Conceito de Consciência de Classe**. Lisboa: Escorpião, 1973.
- SCHAF, A. et alli. **Linguística Sociedade e Política**. Presença, s/d.
- SOUSA, Pedro de. **A Imbricação dos Aspectos Lingüísticos e Ideológicos na Enunciação do Discurso Político**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUCSP, 1987.
- VOGT, Carlos. **Linguagem, Pragmática e Ideologia**. 2ª ed., São Paulo: Hucitec, 1989.

BH 11 EC



## D1

Bom, companheiros, nessa data onde os trabalhadores novamente voltam à praça, onde daqui sairá um movimento amplo de denúncia do caráter recessivo, do caráter de entreguismo que é o Plano Collor de Melo; que novamente, como em outros momentos históricos da classe trabalhadora, os trabalhadores marcham até a praça para reunidos gritar um não e fazer um protesto contra a situação de repressão, a situação de miséria que novamente a burguesia nos coloca para que a classe trabalhadora pague a conta... e aí a gente vem à praça para dizer que o trabalhador, como em outros momentos históricos, como na época da ditadura militar nesse país recente, nós sabemos vir à praça e, através de nossas organizações de base, através da construção de nossa central, através da construção de partidos realmente representativos dos trabalhadores, os trabalhadores conseguiram dar um basta e derrubar a ditadura militar... e agora novamente a gente vê um novo governo nesse país, o Sr. Collor de Melo, que representa os mesmos anseios daqueles que governavam esse país na época da ditadura militar, nós sabemos que os homens que gozam de sua confiança são os mesmos que mataram milhares de trabalhadores; são os mesmos que reprimiram os movimentos grevistas; são os mesmos que mataram nossos companheiros em Volta Redonda. Portanto, companheiros, tá colocada uma tarefa central para a classe trabalhadora; tá colocada uma tarefa para o conjunto da militância de Fortaleza, do Ceará e do Brasil; a buscar uma resposta de criar formas alternativas de combate sem tréguas para esse Plano Collor. Porque ele só trouxe... (se nós formos fazer uma análise, avaliar profundamente esse plano) a gente percebe que ele traz mais fome; que ele não traz mudança realmente para a classe trabalhadora; mas ele traz mudança de interesse do empresariado internacional, dos banqueiros internacionais; esses sim tão batendo palmas para o Plano Collor: os banqueiros americanos, os banqueiros da Inglaterra, e assim a posterior... Mas os trabalhadores estão aqui na praça, como a gente vê; os trabalhadores correndo o risco de perder seu emprego; o patronato ameaçando reduzir salário, e aí não dá pra gente se iludir nesse momento com a mídia e televisão; se iludir com a Rede Globo especialmente, que vem 24 horas por dia iludindo os trabalhadores dizendo que nós estamos vivendo em um país de maravilhas. E só para que os companheiros entendam a maravilha desse país, nós já temos a maior recessão da história desse país; nós já temos o maior arrocho salarial que a classe trabalhadora já sofreu com o Plano

Collor; o 84.32, os 24 da inflação de abril; esses valores o Sr. Collor de Melo desconhece. Portanto, companheiros - concluindo - tá colocada essa tarefa para os trabalhadores: ao sair daqui, aproveitar todos os espaços que a gente tiver; todos os espaços na comunidade, no bairro, nos sindicatos, nos partidos, de denunciar, de não dar tréguas em nenhum momento a este Plano; é fundamental disputarmos ideologicamente através dos meios de comunicação, porque o Collor disputa ideologicamente através dos meios de comunicação, e cabe a nós esclarecer a massa, porque quando os trabalhadores começam a ser esclarecidos, eles começam a dizer não a este Plano. É isso que nós estamos sentindo nessa praça lotada e temos que dizer não e ir até o fim com esse Plano, porque ele é suicida para a classe trabalhadora.

## D3

Boa noite companheiros, companheiros da construção civil e todos os setores da indústria do Estado do Ceará. Companheiros, hoje é o dia... o dia primeiro de maio, o dia que eu acho que a gente não deve... é... comemorar com festa e sim fazendo uma reflexão de tudo o que é a vida do trabalhador no Brasil, hoje, de um modo geral. Os trabalhadores da indústria da construção civil não é diferente dos outros setores que produz riqueza nesse país. Os trabalhadores da indústria da construção civil, hoje, depois desse plano Collor, apesar de já ser uma categoria miserável, esmagada pelo capitalismo desse país, hoje está cada vez mais miserável, com o salário cada vez mais archoado. Hoje também, companheiros, queremos fazer um protesto, nós da construção civil, contra a insegurança que vive os trabalhadores da construção civil hoje. Todos os dias temos acidentes com morte, temos acidentes com mutilações que vivem os companheiros da construção civil. Então, hoje é um dia, eu acho que não de festa para a nossa categoria e não diferente das outras que não devem fazer um manifesto de festa e de alegria, mas sim de repúdio à toda miséria que vive todos os trabalhadores brasileiros. e devemos, companheiros, a partir de agora, todos os trabalhadores, hoje, se organizar dentro de seus sindicatos, dentro de suas associações de bairros, dentro de seus partidos políticos, pra um dia... um dia dar um basta a toda essa miséria que existe nesse país, dando uma rasteira de vez na miséria do capitalismo que mata os trabalhadores e deixando toda essa miséria e toda essa exploração para trás e construindo aquilo que há de melhor que é o socialismo que todos diz que está desgastado, mas não, eles não querem é que seja implantado em nosso país. Mas temos certeza que num futuro muito próximo nós haveremos de ver todo mundo organizado dentro desse país. Dentro das suas organizações

<sup>11</sup> Devido à limitação de espaço selecionamos um exemplar de cada tipo de discurso mencionado: um discurso competente, um discursodiscrepante e um discurso fracassado, nesta ordem.



e construindo um poder dos trabalhadores para que nós criemos uma nova sociedade, criemos um novo dia, uma nova sociedade para todo esse país. Era essa minhas palavras, companheiros. Muito obrigado.

#### D17

Companheiros, estamos aqui, solidariamente com os trabalhadores da classe trabalhadora pra unificar essa força... pra unificar essa força, certo. Esse pessoal..., a classe em-

presária (eu tô aqui nervosa, viu gente!). A classe empresária ficando em cima da gente, trabalhadores... nós precisamos unificar essa luta... nós precisamos unificar essa luta... pra derrubar essa classe burguesa que está aí, mamando em cima de nós, trabalhadores, que temos filhos nas empresas e que essas empresas, por sinal, não dão creche, não dão salário justo para nós trabalhadores. Estou aqui representando o Centro Popular da Mulher de Fortaleza... Muito obrigada, minha gente, e desculpe porque eu tô nervosa.